

A IMITAÇÃO DA ESTEREOTOMIA DA PEDRA COM JUNTAS SALIENTES NA ARQUITETURA RELIGIOSA DO ALGARVE

THE IMITATION OF STONE STEREOTOMY WITH PROTRUDING JOINTS IN THE ALGARVE'S RELIGIOUS ARCHITECTURE

Marco Sousa Santos

*Mestre em História da Arte
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP)
Universidade de Coimbra
marcosousasantos@hotmail.com*

RESUMO

A imitação da estereotomia da pedra com juntas salientes, técnica decorativa que consistia na aplicação de um revestimento parietal que simulava cantaria aparelhada de modo a disfarçar a natureza de um aparelho construtivo constituído por materiais mais pobres, também foi utilizada na região do Algarve. No total, foi possível identificar vestígios da aplicação dessa invulgar técnica em pelo menos cinco edifícios religiosos do território algarvio construídos ou alvo de importantes campanhas de obras entre os séculos XV e XVI.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura religiosa | revestimento parietal | Algarve | séculos XV e XVI

ABSTRACT

Imitation of stone stereotomy with protruding joints, a decorative technique which consisted of applying a wall revetment that simulates cut stone in order to disguise the true nature of a structure consisting of poorer materials, was also used in the Algarve region. In total, it was possible to identify traces of the application of this unusual technique in at least five religious buildings of the Algarve region built or subject to major campaigns of works between the fifteenth and sixteenth centuries.

KEYWORDS

Religious architecture | wall revetment | Algarve | fifteenth and sixteenth centuries

A IMITAÇÃO DA ESTEREOTOMIA DA PEDRA NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA EM PORTUGAL

Ao longo dos séculos, diferentes tipos de revestimentos parietais de natureza ornamental foram utilizados com o objetivo de imitar a estereotomia da pedra (relativo às formas de corte e encaixe deste material) de modo a simular a existência, numa determinada construção, de um aparelho regular de cantaria aparelhada e assim disfarçar a natureza de um aparelho construtivo constituído por materiais mais pobres. Na prática, o propósito da aplicação desse tipo de revestimentos era persuadir o observador de que se encontrava perante uma construção composta por blocos regularizados de cantaria quando na verdade se podia tratar de uma simples estrutura de pedra solta argamassada ou até de taipa. A mais elementar das técnicas de imitação da estereotomia da pedra consistia em simplesmente desenhar e/ou pintar os blocos de pedra directamente sobre o reboco. Outra opção era traçar o contorno dos blocos sobre o reboco, por incisão, com recurso a um objeto aguçado. Porém, a mais visualmente eficaz dessas técnicas incluía a aplicação de um revestimento parietal que imitava a estereotomia da pedra com juntas salientes.

Do ponto de vista formal, os revestimentos parietais a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes, que pretendiam simular blocos de cantaria aparelhada, eram constituídos por retângulos de cor

cinzenta ou acastanhada, com textura semelhante à da pedra bujardada, intercalados por juntas em relevo (salientes), mais claras e de textura mais fina, garantindo, desse modo, "um jogo de contrastes cromáticos e de diferenças de planos" que garantia o efeito visual pretendido (Caetano, 2006: 133).

A técnica de aplicação deste tipo de revestimentos parietais compreendia várias etapas. Primeiro aplicava-se uma camada inicial de argamassa (mistura de cal e areia) directamente no paramento. De seguida aplicava-se uma segunda camada de argamassa, de granulagem mais fina e tom mais claro que a anterior (para o que bastaria adicionar cal à mistura). Logo que o reboco estivesse seco, marcava-se a estereotomia do aparelho, de modo a diferenciar os blocos rectangulares das respectivas juntas. Por último, com a ajuda de um estilete, retirava-se, por raspagem, uma fina camada de argamassa (o suficiente para deixar à vista a camada inicial), nas zonas correspondentes aos blocos de pedra, deixando intacta a zona correspondente às juntas. O resultado era um revestimento parietal caracterizado pela alternância de planos e pelo contraste visual que se estabelecia entre as zonas de claro-escuro, com um primeiro plano que apresentava coloração esbranquiçada, e textura fina, e um fundo com textura mais grosseira e cor distinta. [fig.01]

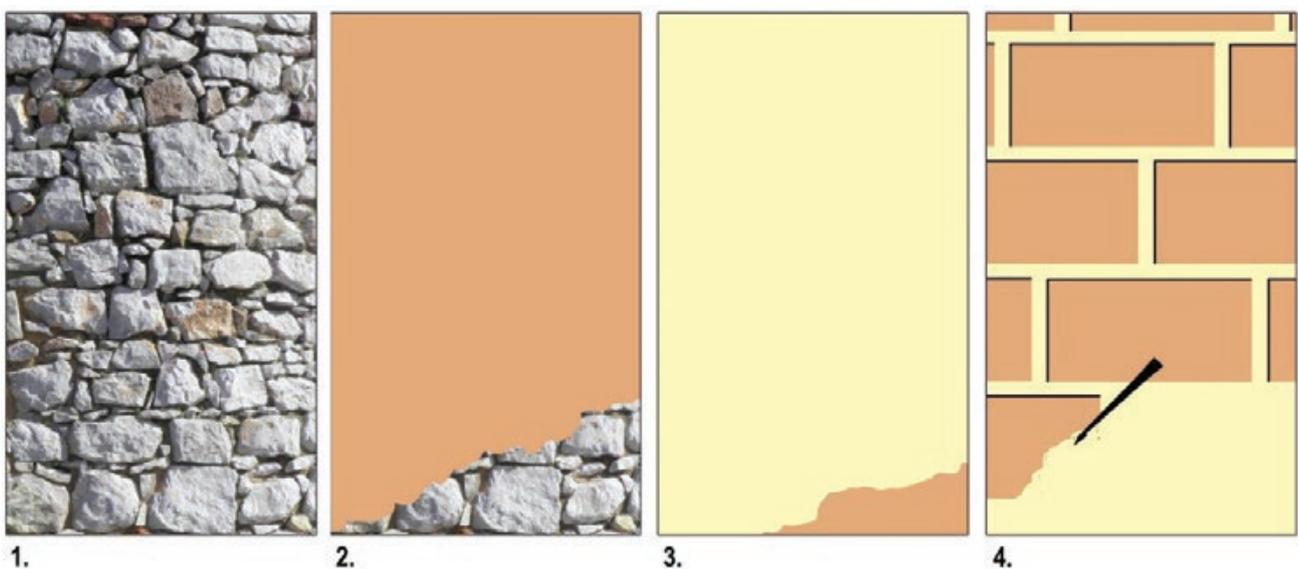


Fig 01. Representação esquemática das diferentes fases que fariam parte do processo de aplicação de um revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes. (elaborado pelo autor)

Sabe-se pouco acerca da origem, veículos de difusão e evolução da arte de imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes. Não obstante, a partir dos exemplos da aplicação da técnica já identificados é possível apresentar algumas conclusões provisórias em relação à cronologia e à distribuição geográfica dos revestimentos parietais a imitar a estereotomia da pedra, com juntas salientes, existentes em território nacional.

Em termos cronológicos, e tendo em conta a cronologia dos edifícios e/ou estruturas em que foram identificados revestimentos parietais a simular a estereotomia da pedra com juntas salientes, parece admissível que esta técnica tenha sido sobretudo utilizada nos séculos XV e XVI. Quanto à sua distribuição geográfica, tudo indica que este tipo de revestimento parietal foi mais comum no sul do território, sobretudo na região alentejana. Não obstante, note-se, também se conhecem casos da aplicação da técnica a norte do Tejo, por exemplo, em edifícios civis do centro histórico de Miranda do Douro, em Trás-os-Montes (Caetano, 2010: 57) ou na fachada do denominado Paço de Sobre-Ripas, em Coimbra.

De um modo geral, os revestimentos de imitação da estereotomia da pedra com juntas salientes foram aplicados em edifícios com um aparelho construtivo pobre, de alvenaria ordinária ou taipa. Porém, a opção por este tipo de revestimentos parietais não

terá necessariamente resultado da falta de recursos dos encomendantes, nem da impossibilidade de acesso a materiais de maior qualidade. Veja-se o exemplo de um templete de planta circular existente na horta do Paço Ducal de Vila Viçosa, cujas paredes interiores foram completamente preenchidas por um revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes. Tratando-se de uma obra patrocinada pela Casa de Bragança, e edificada numa região famosa pelos seus mármore, percebe-se que não terá sido por falta de meios, mas antes por opção estética, que se recorreu a uma técnica de imitação de materiais mais nobres. De facto, a aplicação destes revestimentos refletirá sobretudo uma atitude estética, uma *moda* ligada à arquitetura erudita, segundo a qual não era o objeto representado que importava, mas antes a capacidade de o imitar. (Caetano, 2006: 141)

Em relação aos locais de aplicação, tudo indica que este tipo de revestimentos terá sido maioritariamente utilizado no interior dos edifícios. Contudo, a técnica poderia ser aplicada na quase totalidade da estrutura, como se comprova na ermida rural de Santo Aleixo, no concelho de Montemor-o-Novo, que apresenta vestígios de revestimento parietais a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes nos panos murários, nas nervuras das abóbadas e nos cunhais da fachada. (Caetano, 2006: 12)

NA ARQUITETURA RELIGIOSA DO ALGARVE

Numa sondagem preliminar, foi possível identificar vestígios da aplicação deste tipo de revestimento parietal em cinco edifícios religiosos da região algarvia, a saber: na Sé de Faro, na matriz da Luz de Tavira, numa capela lateral da igreja do extinto convento de São Francisco de Tavira (Santos, 2011: 77), na igreja de São Pedro Gonçalves Telmo¹, igualmente em Tavira, e na torre da matriz de São Clemente de Loulé. Analisemos com algum pormenor cada um dos casos de revestimentos parietais a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes arrolados em território algarvio, enumerando alguns dados histórico-artísticos acerca das estruturas em que os mesmos se encontram e descrevendo a localização e características de cada um deles.

SÉ DE FARO

Atualmente não é possível identificar no edifício da igreja de Santa Maria de Faro, Sé diocesana do Algarve, vestígios de revestimentos parietais a imitar a estereotomia da pedra. Porém, na década de 90 do século XX, durante trabalhos de conservação e restauro levados a cabo pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi identificado, num dos arcos que separa a nave central da nave lateral do lado do Evangelho (junto ao órgão), oculto sob uma camada de argamassa, caiada, um revestimento parietal desse tipo. Após o levantamento fotográfico, o revestimento foi novamente rebocado e caiado.

1. Informação gentilmente facultada pelo Dr. Daniel Santana, Historiador de Arte da Câmara Municipal de Tavira.

Segundo foi possível apurar, através de testemunhos orais, na altura também terão sido identificados vestígios da aplicação desta técnica decorativa nas paredes da sacristia. Já em 1554 os visitantes da Ordem de Santiago vão descrever a dita sacristia como uma dependência com “paredes de cantaria” (Lameira e Santos, 1988, 47), ao que parece testemunhando a eficácia visual do revestimento parietal, cujo objetivo era efetivamente simular um aparelho de cantaria. Portanto, este testemunho parece comprovar que o revestimento em causa terá sido aplicado, na sacristia, e provavelmente também na zona da nave, em data anterior a 1554. [fig.02]

Admitindo que este revestimento parietal já existia em meados do século XVI, é preciso sublinhar que o mesmo foi aplicado na então matriz da freguesia de Santa Maria, já que o templo só seria elevado à categoria de catedral em 1577, data em que a sede do bispado é transferida de Silves para Faro. Não se sabe em que data, ou por que motivo, o revestimento em causa terá sido tapado, mas é possível que isso tenha ocorrido após o saque e incêndio da igreja por corsários ingleses comandados pelo conde de Essex, em 1596, ou então após os terramotos de 1722 e 1755, que se sabe terem causado importantes danos estruturais na sé algarvia (Lopes, 1848: 345-346).



Fig 02. Vestígios de revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes na nave da Sé de Faro.
Fonte: Sítio do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: Ficha de inventário da Sé de Faro)

IGREJA MATRIZ DA LUZ DE TAVIRA

A igreja quinhentista da Luz de Tavira, a única igreja-salão (*hallekirche*) edificada no Algarve, e presumivelmente o mais antigo exemplar desta tipologia construído no período pós-manuelino, guarda o maior conjunto de revestimentos parietais a imitar a estereotomia da pedra identificado na região algarvia. Presentemente o interior está completamente caiado de branco, mas em todas as paredes da nave subsistem vestígios da aplicação de um revestimento imitando cantaria aparelhada, que possivelmente se prolongava também pelas abóbadas, apesar de não existirem sinais visíveis nessa zona, nem tampouco na capela-mor. Muito provavelmente, este revestimento parietal será contemporâneo da edificação da igreja, que se pensa ter ocorrido entre 1548 e 1568. (Santos, 2011: 59, 76 e 77) [fig.03]

Não se sabe quando é que este revestimento parietal foi coberto com cal mas, não obstante, é provável que ainda fosse visível no início do século XVIII, uma vez que, em 1716, ao descrever o templo, Frei Agostinho de Santa Maria, autor do Santuário Mariano, declara tratar-se de uma igreja “toda de cantaria” (Santa Maria, 1716: 417), certamente referindo-se ao revestimento parietal que cobriria os seus alçados interiores, e que efetivamente simulava cantaria aparelhada.



Fig 03. Vestígios de revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes na nave da igreja matriz da Luz de Tavira. (foto do autor)

CAPELA LATERAL MEDIEVAL NO EXTINTO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE TAVIRA

Duas pequenas capelas laterais, de fábrica medieval, são praticamente o que resta da primitiva igreja do extinto convento de S. Francisco de Tavira. Uma dessas capelas laterais é a *dos Costas*, cuja denominação foi atribuída com base na representação heráldica existente na sua pedra de fecho da abóbada (um escudo esquartelado onde se distinguem, entre outras, as armas da família Costa) (Santos, 2011). É numa das paredes laterais desta capela, no lado do Evangelho, que subsistem vestígios de um revestimento a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes. [fig.04]

A capela *dos Costas* é, provavelmente, a mesma que se instituiu no referido convento por disposição testamentária de um tal Luís Afonso Painho, e que terá sido edificada entre 1458 e 1469, passando a sua administração para as mãos da família Costa/Côrte-Real. Portanto, e partindo do princípio que este revestimento parietal é contemporâneo da construção da capela (o que parece provável), o mesmo seria datável da 2.ª metade do século XV. Porém, o revestimento em causa também poderá ter sido aplicado em época posterior, eventualmente durante uma das documentadas campanhas de obras levadas a cabo no convento franciscano ao longo do século XVI. (Santos, 2011)



Fig 04. Vestígios de revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes numa capela lateral medieval do extinto convento de São Francisco de Tavira. (foto do autor)

IGREJA DE SÃO PEDRO GONÇALVES TELMO (TAVIRA)

Recentemente, na sequência de profundas obras de restauro levadas a cabo na igreja de São Pedro Gonçalves Telmo, ou de Nossa Senhora das Ondas, na cidade de Tavira, foram identificados, sob a cal, vestígios de um revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes nas paredes da capela-mor da igreja de São Pedro Gonçalves Telmo, ou de Nossa Senhora das Ondas, em Tavira. [fig.05]

Não se sabe quando é que foi aplicado este revestimento, nem em que época o mesmo foi encoberto. Contudo, sabe-se que as origens da atual igreja remontarão no mínimo ao século XV e que a estrutura terá sido alvo de importantes obras de remodelação e ampliação no final dessa centúria ou já no início do século XVI, como sugere a representação das armas do rei D. Manuel I (1495-1521) no exterior da capela-mor. A ladear as armas do monarca estão elementos de cantaria com a divisa ALLEO, envolta por coroa de espinhos, evocando a ligação desta igreja à Casa dos marqueses de Vila Real e condes de Alcoutim que, desde 1477, tinham o usufruto de rendas da alfândega de Tavira.

A igreja ficou parcialmente destruída na sequência do terramoto de 1755 mas, segundo os dados hoje



Fig 05. Vestígios de revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes na capela-mor da igreja de São Pedro Gonçalves Telmo (Tavira). (Fonte: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva / Câmara Municipal de Tavira)



Fig 06. Vestígios de revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes no exterior da torre da matriz de São Clemente de Loulé. (foto do autor)

disponíveis, tudo indique que a parte mais afetada tenha sido a da nave, uma vez que as posteriores obras de reconstrução não incluíram transformações relevantes na capela-mor (Santana, 2005). Assim sendo, à partida nada impede que o revestimento parietal identificado na capela-mor seja contemporâneo da primitiva construção.

TORRE SINEIRA DA MATRIZ DE SÃO CLEMENTE (LOULÉ)

A torre sineira da matriz de São Clemente de Loulé apresenta um aparelho construtivo maioritariamente constituído por elementos de cantaria aparelhada de dimensões diversas, sem reboco. Contudo, em pequenas zonas da estrutura são visíveis vestígios da aplicação de um revestimento parietal a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes. Apesar de dispersos, e bastante deteriorados, estes vestígios sugerem que toda a torre

poderá ter estado totalmente revestida por um revestimento parietal a simular cantaria aparelhada. [fig.06]

As origens desta torre remontarão à época da ocupação islâmica, admitindo-se mesmo que parte da sua estrutura corresponda à da antiga almenara da mesquita de *Al-ulyã* (Loulé), constituindo o “único vestígio da arquitetura religiosa muçulmana no Algarve” (Carrusca, 2001: 64). Contudo a estrutura terá sofrido obras importantes no fim do século XV, como testemunham as mísulas de cantaria facetadas que sustentaram a antiga abóbada desta torre e que, apesar de já não desempenharem funções estruturais, foram preservadas aquando da construção da atual, e na 2.ª metade do século XVIII, na sequência da destruição provocada pelo terramoto de 1755 nesta igreja. Parece admissível que o revestimento decorativo em causa possa ter sido aplicado durante alguma destas campanhas, admissivelmente na sequência das obras levadas a cabo no final da centúria de Quatrocentos.

NOTAS FINAIS

À partida, e tendo em conta o reduzido número de casos até agora identificados, tudo indica que este tipo de revestimento, a imitar a estereotomia da pedra, com juntas salientes, terá sido pouco utilizado na região algarvia. No entanto, sublinhe-se, é provável que existam, ainda por identificar (cobertos por revestimentos posteriores), outros casos da aplicação desta técnica decorativa, tanto em âmbito religiosos como civil. Ou seja, neste momento, é difícil afirmar o que quer que seja em relação à abundância ou escassez deste tipo de revestimento na região do Algarve. Apenas se pode confirmar, com absoluta certeza, que a técnica foi utilizada no território algarvio.

Em relação ao conjunto de construções algarvias de natureza religiosa em que até à data foi possível identificar vestígios da aplicação de um revestimento parietal a simular a estereotomia da pedra com juntas salientes, e a título provisório, é de assinalar: situam-se todos no sotavento algarvio (Faro, Loulé e Tavira); quatro foram executados em meio urbano e um em meio periurbano (Luz de Tavira); com exceção de um dos casos (o da torre sineira da matriz de Loulé), todos foram aplicados em paredes interiores e posteriormente encobertos mediante a aplicação de novos revestimentos de argamassa ou de sucessivas camadas de cal.

Em termos cronológicos, e atendendo à cronologia atribuída às construções em que os mesmos se integram, parece admissível que os cinco exemplos de revestimentos a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes identificados na região algarvia possam ter sido executados algures entre a 2.ª metade do século XV e os meados da centúria seguinte.

Quanto à autoria, tudo indica que estes revestimentos parietais foram aplicados por artífices experimentados, capazes de dominar uma técnica bastante específica. Tendo em conta que os casos arrolados se localizam maioritariamente na faixa litoral do sotavento algarvio, isto é, numa área geográfica relativamente pequena, coloca-se a hipótese de estarmos perante um conjunto de obras levadas a cabo por uma mesma equipa de artífices. Não obstante, e apesar de não se poder

avançar uma cronologia exacta para qualquer dos casos já identificados, tudo indica que os cinco não foram executados na mesma época, o que parece desaconselhar a hipótese de uma autoria comum. Portanto, em termos de autoria, haverá, no mínimo, duas hipóteses a considerar: ou a aplicação destes revestimentos a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes foi uma prática frequente na região, existindo oficinas regionais com capacidade para executar esse tipo de trabalhos, ou então os revestimentos em causa foram executados por profissionais forasteiros com experiência na aplicação da técnica, porventura oriundos do Alentejo (onde a técnica foi bastante utilizada).

Não se conhece o motivo pelo qual estes revestimentos acabariam por ser encobertos, no entanto, parece admissível que tenha sido a sua degradação, ainda que parcial, associada ao desconhecimento ou esquecimento das técnicas de reparação e manutenção, a tornar inevitável a sua ocultação. Em último caso, o encobrimento pode ter sido ditado por uma mudança de gosto, que se traduziu na valorização do branco da cal em detrimento de outro tipo de soluções decorativas nas paredes dos edifícios religiosos. Contudo, sublinhe-se, há indícios de que no caso da igreja da Luz de Tavira o revestimento parietal possa ter permanecido a descoberto, no mínimo, até à 2.ª metade do século XVIII, e no caso da torre da matriz de Loulé os vestígios do antigo revestimento a imitar a estereotomia da pedra com juntas salientes mantêm-se ainda hoje a descoberto.

O número de casos identificados é manifestamente pequeno e apenas permite avançar conclusões provisórias. De qualquer maneira, a identificação destes cinco exemplares, até agora desconhecidos ou ignorados, acaba por constituir um novo elemento para o estudo da história da arquitetura no Algarve e, por extensão, da história da arquitetura em Portugal. Acima de tudo, pretende-se que o presente texto possa servir para identificar outros exemplos da aplicação desta técnica decorativa em território algarvio e que sirva para ajudar a garantir a proteção e valorização dos exemplares já identificados.

BIBLIOGRAFIA

CAETANO, Joaquim Inácio – *Motivos decorativos de estampilha na pintura a fresco dos séculos XV e XVI no Norte de Portugal: relações entre pintura mural e de cavelete*. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2010. (Tese de doutoramento)

_____ – “400 anos a fingir ou os acabamentos nas paredes dos edifícios dos séculos XV e XVI”. *ARTIS – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, 5 (2006).

LAMEIRA, Francisco. SANTOS, Maria Helena – *Visitação de igrejas algarvias – Ordem de São Tiago*. Faro: Associação de Defesa e Investigação do Património Cultural e Natural do Concelho de Faro, 1988.

LOPES, João Batista da Silva – *Memórias para a história eclesiástica do bispado do Algarve*. Lisboa, 1848.

SANTOS, Marco Sousa – “Duas capelas laterais medievais do convento de S. Francisco de Tavira”. *MEDIEVALISTA online – Revista do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa*, 10 (2011). Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA10/santos1006.html> (2015.04.26)

_____ – *A igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz de Tavira*. Faro, Universidade do Algarve, 2011. (Dissertação de mestrado)

SANTA MARIA, Frei Agostinho de – *Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora*. Lisboa, 1716. Tomo V.

SANTANA, Daniel – *Contributos para o Estudo da Arquitetura Religiosa Setecentista no Algarve: a atividade do “entalhador da pedra” Diogo Tavares de Ataíde (1711-1765)*. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2005. (Dissertação de mestrado)